



GT 03. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Coordenador(es):

Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1 - Entre cidades, memórias e imaginação: As poéticas das imagens e das grafias.

Debatedor/a: Fabiana Bruno (Pesquisadora)

Sessão 2 - Metodologias etnográficas subversivas: Experiências e experimentações compartilhadas.

Debatedor/a: Cláudia Turra Magni (UFPEL)

Sessão 3 - O trabalho do antropólogo: sentir, desenhar e escrever.

Debatedor/a: Daniele Borges Bezerra (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Em continuidade às activities desenvolvidas no 18º Congresso Mundial da IUAES, na 31ª RBA e na XIII RAM, o grupo de trabalho Antropoéticas: outras (etno)grafias tem como objetivo reunir pesquisadoras/es em Antropologia e áreas afins que promovam em suas pesquisas a relação entre poética e antropologia na composição de uma "antropografia" (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão, tais como hipermídias, filmes, fotografias, desenhos, cartografias, poesias, colagens e outros. Ao pensar, escrever e questionar (e ser questionada/o por) textualidades e imagens, as discussões neste grupo se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo, reunindo trabalhos que apontem para uma política da produção de saberes nos quais inscrições do corpo e do cotidiano são parte da textualidade, como sugere Florentina Souza (2005), resultando em expressões éticas, poéticas e políticas. Dessa forma, o intuito será potencializar os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, assim como realizar experimentações que extrapolem as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. Diante de novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi interpretáveis, este grupo se propõe a acolher pesquisas inspiradas em teias de fabulação especulativa (Haraway, 2016) que permitam expressar modos de recriar o mundo e, ao mesmo tempo, sejam capazes de desestabilizar e promover a crítica social.

Antropologia e Arquitetura social: uma etnografia de experiências

Autoria: Amanda Ramos (Não possui)

Na tentativa de fazer um exercício que vai contra a hegemonia de pensamento científico, busco como objetivo geral do meu work de conclusão de curso, trazer experiências metodológicas da área de Arquitetura no contexto brasileiro que busca construir projetos na forma de coprodução; ou seja, práticas que fomentam a colaboração com um público de não-arquitetos, cujo objetivo é aproximar e reconhecer outros saberes que não são institucionalizados, para além do modelo convencional técnico industrial (L. Rosa, M., e F. Montuori, B., 2019). Para a realização deste work que segue em curso, me inspiro na proposta metodológica do laboratório LaDA - ESDI/UERJ (Laboratório de Design e Antropologia) no sentido de uma "antropologia por meio do design" (Anastassakis, 2014), e do Núcleo de pesquisas em Inovação, Design e Antropologia (NIDA/UFMA). Ambos permitem um envolvimento com as pessoas e lugares para que seja construído projetos que visam a solução de problemas de acordo com as necessidades dos sujeitos que estão inseridos em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos. Sendo assim, partindo do método de coprodução - que buscam trazer as pessoas no processo criativo e do fazer - estas experiências utilizam como referência o



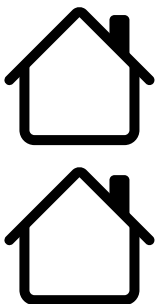
antropólogo Tim Ingold (2011), em que este debruça sobre a materialidade das coisas onde ocorre um fluxo do fazer e da vida. O antropólogo nos apresenta uma linha de pensamento na qual o conhecimento será dado no modo fazer, afirmando que o então aprendido é, na verdade, um autodescobrimento. Em seus estudos, Ingold argumenta que a Antropologia, Arqueologia, Artes e Arquitetura, possui semelhanças visto que são formas de engajamento investigativo, assim, estas áreas partem da observação, participação e envolvimento com o ambiente pesquisado e/ou com os interlocutores, ao contrário de ser sobre elas. É sobre entender que a colaboração dos atores, sujeitos, interlocutores de pesquisas, enquanto seres dotados de sua própria metalinguagem elaborada e reflexiva (Latour, 2012), são válidos para a produção do conhecimento. Assim, com o apoio do conceito "malha" de Ingold, e "rede" de Latour, ao pensarem o lugar como história, e que por meio do fluxo - de pessoas e coisas - se entrelaçam de modo a ganhar novos significados e interpretações, proponho neste GT, levar duas experiências projetuais de Arquitetura onde focalizam a autonomia do sujeito, em que pude acompanhar os aprendizados e relações entre arquiteto e não-arquiteto no campo da produção, na cidade de Uberlândia - MG.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: